

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA -
CAMPUS JAGUARÃO**

GRACIELE SERPA DA ROSA

A LITERATURA NEGRA E A DESCOBERTA DA NEGRITUDE

**ALEGRETE
2022**

GRACIELE SERPA DA ROSA

LITERATURA NEGRA E A DESCOBERTA DA NEGRITUDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dra. Sátira Pereira Machado

Coorientador: Prof. Dra. Camila Gonçalves dos Santos

**ALEGRETE
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

d7881 da Rosa, Graciele Serpa
A Literatura Negra e a descoberta da negritude / Graciele
Serpa da Rosa.
25 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2022.
"Orientação: Sátira Pereira Machado".

1. Letras. 2. Literatura. 3. Literatura Negra. 4.
Escrevivência. 5. Negritude. I. Título.

GRACIELE SERPA DA ROSA

A LITERATURA NEGRA E A DESCOBERTA DA NEGRITUDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português EaD, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Sátira Pereira Machado
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof.^a. Dr.^a. Giane Vargas Escobar
(UNIPAMPA)

Prof.^a. Dr.^a. Leticia Maria Barbosa
(UFRGS)



Assinado eletronicamente por **GIANE VARGAS ESCOBAR, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/03/2022, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SATIRA PEREIRA MACHADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/03/2022, às 09:48, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Leticia Maria Barbosa, Usuário Externo**, em 14/03/2022, às 12:29, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0750583** eo código CRC **E10146B8**.

Dedico este trabalho a minha mãe, Sônia, uma mulher batalhadora, que sempre me apoiou em realizar esse sonho. A minha orientadora, Sátira Machado, pelas aulas e por me reaperesentar a literatura afro-brasileira de outra maneira. E dedico, também, a autora Conceição Evaristo.

RESUMO

Este trabalho busca compreender, por intermédio da literatura negra, como as práticas no ensino de letras podem favorecer a equânime construção do pertencimento étnico-racial em mulheres negras. Identifica a intersecção entre essas práticas que permeiam as vivências de seres humanos e que podem suscitar alegrias, tristezas, certezas e incertezas e que estão presentes na Literatura Negra, há muito tempo. Relaciona a obra “**Quando me descobri negra**”, da autora Bianca Santana e o conceito “**Escrevivência**” de Conceição Evaristo com as vivências de mulheres negras do município de Alegrete no estado do Rio Grande do Sul no Brasil. Mostra a importância da abordagem da Literatura Negra em sala de aula, uma vez que o ambiente escolar é um dos primeiros espaços de socialização. Indica que a Literatura Negra pode ajudar a promover a educação antirracista na rede de ensino brasileira.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Literatura Negra. Vivências.

ABSTRACT

This work seeks to understand, through black literature, how practices in the teaching of letters can favor the equitable construction of ethnic-racial belonging in black women. It identifies the intersection between these practices that permeate the experiences of human beings and that can arouse joys, sadness, certainties and uncertainties and that have been present in Black Literature for a long time. It relates the work “**When I discovered black**”, by the author Bianca Santana and the concept “**Escrevivência**” by Conceição Evaristo with the experiences of black women in the municipality of Alegrete in the state of Rio Grande do Sul in Brazil. It shows the importance of approaching Black Literature in the classroom, since the school environment is one of the first spaces for socialization. It indicates that Black Literature can help promote anti-racist education in the Brazilian school system.

Keywords: Black Women. Black Literature. experiences.

SUMÁRIO

LITERATURA NEGRA E A DESCOBERTA DA NEGRITUDE	2
1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 AFRRORREALISMO.....	9
2.2 POÉTICA	9
2.3 ESCREVIVÊNCIA.....	9
3 METODOLOGIA	11
4 RESULTADOS DE PESQUISA.....	12
4.1 Relatos das Entrevistadas sobre “preconceito capilar em ambiente escolar”.....	13
4.2 Relatos das Entrevistadas sobre “preconceito racial em ambiente escolar”	14
4.3 Relatos das Entrevistadas sobre “preconceito de classe social em ambiente escolar”	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	17
APÊNDICE A - ENTREVISTAS.....	18
1ª ENTREVISTADA.....	18
2ª ENTREVISTADA.....	18
3ª ENTREVISTADA.....	19
4ª ENTREVISTADA.....	20

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca fazer uma análise sobre a Literatura afro-brasileira, mais especificamente a Literatura Negra, amparada nas reflexões de Conceição Evaristo e na obra **“Quando me descobri negra”** da autora Bianca Santana, destacando as mulheres negras.

O objetivo principal deste trabalho é revelar a importância de utilizar a Literatura Negra em sala de aula, uma vez que o ambiente escolar é um dos primeiros contatos com a verdadeira sociedade. É onde as crianças iniciam a descoberta de valores morais e tais conteúdos podem ajudar a moldar pensamentos mais inclusivos nos alunos e nas alunas, comprometidos com a ética.

Em uma das suas falas, Paulo Freire destaca que

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desprezar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. (FREIRE, 2000, p.66-67).

De forma ética, esse trabalho foi motivado por um acontecimento que ocorreu no decorrer de um ano letivo: eu cursava o Ensino Médio, a adolescência começava a se destacar e os grupos escolares começavam a se formar. Com tudo isso acontecendo, comecei a perceber um certo distanciamento de algumas pessoas próximas que até então estavam comigo. Como éramos colegas desde as séries iniciais, não conseguia ver motivos aceitáveis para atitudes duvidosas que estavam acontecendo.

Até que, em um dia tudo ficou mais claro. Lembro como se estivesse vivendo novamente. Lembro de como fui desastrada, derrubando uma garrafa de água no chão. Isso molhou bastante a minha volta. Segundos depois, ouvi uma colega gritar: **“TINHA QUE SER NEGRA PARA FAZER PORQUICE”**. Naquele momento minhas emoções se desequilibraram: meu chão sumiu e lágrimas começaram a descer descontroladamente. Foi meu primeiro contato, consciente, com o racismo.

Sempre me descrevi como uma pessoa calma. Mas criei uma proteção de defesa, caso alguém tente me ferir. Então fui em busca do que eu acreditava que era certo. As desculpas dos colegas eram relacionadas a não intenção racista da exclamação: **“TINHA QUE SER NEGRA PARA FAZER PORQUICE”**. Ouvi que era maneira de falar...

Palavras de conforto, só tive mesmo em casa no colo da mãe. Dias como esses viraram rotina. Pois naturalizaram aquele acontecimento. Perceberam que aquele ato tinha me afetado muito. “Presentes” como banana apareciam na minha mesa, ouvia que eu estava

fedendo a odor de negro. Até que numa sexta-feira, eu já estava exausta de ouvir e ser agredida verbalmente. Resolvi falar para todos da classe, para a professora, para a coordenadora e para o diretor. Iniciou-se aí, minha consciência negra propriamente dita.

Conclui o Ensino Médio na força e garra. Iniciei o Curso Normal (Magistério), mas percebi que ainda não era aquilo que queria. Até que apareceu a oportunidade de iniciar uma Licenciatura em Letras, agarrei essa oportunidade e hoje tenho total certeza de que fiz a escolha correta. Após contar a minha história para minha orientadora, resolvemos juntar relatos de mulheres negras que sofreram algum tipo de preconceito em sala de aula ou em algum ambiente escolar.

Então, enquanto futura professora de Letras, encontro nesse trabalho de conclusão de curso uma maneira de resgatar lacunas na formação de docentes antirracistas. Desta forma, essa pesquisa busca compreender, por intermédio da literatura negra, como as práticas no ensino de letras podem favorecer a equânime construção do pertencimento étnico-racial em mulheres negras. Identifica a intersecção entre essas práticas que permeiam as vivências de seres humanos e que podem suscitar alegrias, tristezas, certezas e incertezas e que estão presentes na Literatura Negra, há muito tempo. Relaciona a obra “**Quando me descobri negra**”, da autora Bianca Santana e o conceito “**Escrevivência**” de Conceição Evaristo com as vivências de mulheres negras do município de Alegrete no estado do Rio Grande do Sul no Brasil. Mostra a importância da abordagem da Literatura Negra em sala de aula, uma vez que o ambiente escolar é um dos primeiros espaços de socialização. Indica que a Literatura Negra pode ajudar a promover a educação antirracista na rede de ensino brasileira.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A América Latina teve um crescimento significativo na produção da literatura de pessoas negras. O Brasil foi um dos grandes contribuintes para esse aumento. Podemos citar, por exemplo: a) a escritora Ana Maria Gonçalves, autora do livro “**Um defeito de cor**”; b) a escritora Carolina Maria de Jesus, autora da obra “**Quarto de desejo**”; c) a escritora Conceição Evaristo, autora de obras como “**Becos da memória**”; d) e Domício Proença Filho com a obra “**Capitu: Memórias Póstumas**”, entre outros e outras que impactam na construção do conceito de Literatura Negra, no Brasil.

Nessa perspectiva, muitos conceitos têm sido forjados. Neste trabalho falaremos de três relevantes para a pesquisa: 1) *afrorealismo*, de Quience Duncam; 2) *poética*, de Nei

Lopes; e 3) *escrevivência*, de Conceição Evaristo. Essas visões nos ajudam a fazer releituras de obras afro-latinas e de autores e de autoras negras, como veremos a seguir.

2.1 Afrorealismo

O afrorealismo traz referências a escrita do poeta cubano Nicolás Guillén (1902 – 1989), que destacou a exaltação de negros e negras em situações sociais. Esse conceito tem diversas características, seis delas básicas. Num primeiro bloco, ao realizar leituras de escritas negras, podemos identificar que as obras: a) devolvem vozes afro-americanas, por meio de maneiras de falar afrocêntricas; b) adotam uma perspectiva intracêntrica; c) reafirmam conceitos de comunidades ancestrais. Num segundo bloco, é possível identificar: a) reivindicações da memória simbólica africana; b) busca e proclamação de identidades afro; c) reestruturações de memórias históricas da diáspora africana.

Em sua proposição, Quince Duncam constrói o conceito de afrorealismo mencionando também o poeta Manuel Zapatta Olivella (1920 – 2004) e sua obra Xangô que retrata culturas e cosmovisões em diálogo com orixás. Quince Duncan, um escritor conhecido como o primeiro a escrever em espanhol no país da Costa Rica, descreve o afrorealismo como uma atitude de subversão, africanizando o idioma.

2.2 Poétnica

Também na obra do colombiano, antropólogo, escritor e médico Manuel Zapatta Olivella é possível identificar o conceito de poétnica, que foi proposto por Nei Lopes. Esse advogado, cantor, compositor e escritor brasileiro acredita que a poétnica dá conta de explicar as tantas memórias ancestrais e resistências culturais de afrodescendentes expressas na literatura.

2.3 Escrevivência

Já escrevivência, para a escritora Conceição Evaristo, é uma narrativa autobiográfica onde autores negros e autoras negras colocam suas vivências. Conceição Evaristo é uma das adeptas da escrevivência desde 1995. Em suas primeiras obras ela utilizou esse método por diversos motivos. Mas o motivo maior foi a constatação da falta de referências negras em suas leituras na infância. Ela deixa claro, em suas escritas, que o preconceito atrasa e dificulta a vida de uma mulher negra. Ressalta que as memórias de uma pessoa afrodescendente são ricas em acontecimentos relacionados ao preconceito e a discriminação. E a que a transcrição dessas narrativas podem ajudar nas reflexões culturais acerca do racismo.

Vale lembrar que a história de resistência negra no país é muito pouco contada. Até os anos 1970, a ciência histórica valorizava a canetada da Princesa Isabel e não as histórias negras, por exemplo. Foi o poeta afro-gaúcho Oliveira Silveira (1941-2009), enquanto membro do Grupo Palmares de Porto Alegre, que popularizou uma nova data para as comemorações da resistência negra ao sistema econômico escravocrata no Brasil. Por meio da Lei 10.639 de 2003, o **DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA** - celebrado pela primeira vez em 1971 no Clube Social Negro “Marcílio Dias” na capital do Rio Grande do Sul – passou a fazer parte do calendário da rede de ensino do país com o objetivo de incluir *“o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”*.

Essa política pública recente revela que, ainda nos dias atuais, a academia tem dificuldades em lidar com os textos de memórias negras inclusive negando o protagonismo negro e a verdadeira história de negros e negras no Brasil. Por essas e outras razões, para a autora, a escrita da mulher negra é diferente, pois toca em assuntos que descrevem suas vivências de dor. Por isso fica evidente que a escrita se torna um ato de resistência, de desabafo. Conforme Evaristo (2007, p.20):

Se a leitura desde adolescência foi para mim uma maneira de suportar o mundo, pois me proporciona um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar (EVARISTO, 2007, p.20).



Figura 1 - Conceição Evaristo, escritora negra

As histórias de negros e negras merecem ser lidas com mais compromisso. Não são histórias para dormir. São histórias para acordar as populações para as questões do antirracismo no país. Conceição é uma das maiores autoras negras do Brasil. Premiada diversas vezes pela sua escrita. Ela descreve que cada palavra que usa é pensando em como ajudar uma mulher negra nos seus dias. Afirma que para escrever tem que acontecer uma pesquisa profunda, buscar a essência da palavra, que o sentimento é o encontro das palavras.

3 METODOLOGIA

Partindo de minhas vivências, adotando o conceito de escrevivência e fazendo leituras de obras de autoria negra a pesquisa passou a tomar o rumo de uma abordagem qualitativa para a escolha dos procedimentos. O primeiro procedimento foi a escolha da obra literária **“Quando me descobri negra”** de Bianca Santana, que serviu de corpus para pesquisa.

Bianca Santana, nessa obra, traz relatos das várias mulheres e dela própria, que sofrem preconceito em diversas formas. Após receber esses relatos nas redes sociais, a autora transforma as vivências em contos utilizando a mesma maneira de escrita que recebe. O livro representa a força das mulheres brasileiras e a autora dá voz a essas mulheres. No primeiro relato, por exemplo, a autora descreve como se descobriu negra.

Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, para os coleguinhas – que talvez não tomassem tanto sol – e para toda a família que nunca gostou do assunto. “Mas a vó não é descendente de escravos? ”, eu insistia em perguntar. “E de índio e português também”, era o máximo que respondiam. Eu até achava bonito ser tão brasileira. Talvez por isso aceitasse o fim da conversa. Em agosto de 2004, quando fui fazer uma reportagem na Câmara Municipal, passei pela rua Riachuelo, onde vi a placa “Educafro”. Já tinha ouvido falar sobre o cursinho comunitário, mas não conhecia muito bem a proposta. Entrei. O coordenador pedagógico me explicou a metodologia de ensino com a cumplicidade de quem olha um parente próximo. Quando me ofereci para dar aulas, seus olhos brilharam. Ouvi que, como a maioria dos professores eram brancos, eu seria uma boa referência para os estudantes negros. Eles veriam em mim, estudante da Universidade de São Paulo e da Faculdade Cásper Líbero, que há espaço para o negro em boas faculdades. Saí sem entender muito bem o que tinha ouvido. Fui até a Câmara dos Vereadores, fiz a entrevista e segui minha rotina. Comecei a reparar que nos lugares que frequento as pessoas também não tomam tanto sol. O professor do Educafro toma. Será por isso que ele me tratou com tanta cumplicidade? Pensei muito e por muito tempo. Não identifiquei nada de africano nos costumes da minha

família. Concluí que a ascensão social tinha clareado nossa identidade. Óbvio que somos negros. Se nossa pele não é tão escura, nossos traços e cabelos revelam nossa etnia. Minha mãe, economista, funcionária de uma grande empresa, foi branqueada como os mulatos que no século XIX passavam pó de arroz no rosto porque os clubes não aceitavam negros. Eu fui branqueada em casa, na escola, no cursinho e na universidade. É como disse Francisco Weffort: o branqueamento apaga as glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daquele da humilhação cotidiana, especialmente para os pobres. Ainda em busca de identidade, afirmo com alegria que sou negra há dez anos. E agradeço ao professor do Educafro que pela primeira vez, em 21 anos, fez o convite para a reflexão profunda sobre minhas origens (SANTANA, 2015, p.13).



Figura 2 - Bianca Santana e o livro “Quando me descobri negra”

Inspirada nos relatos de Bianca Santana, o outro procedimento de pesquisa escolhido foi o de entrevistas com mulheres. Foram quatro mulheres entrevistadas e as duas principais perguntas foram: 1) *Você já sofreu algum tipo de racismo no ambiente escolar?* 2) *Se sim, essa vivência marcou sua vida?* As mulheres ouvidas e seus relatos fazem parte dos resultados deste trabalho e remetem a reflexões possíveis, graças aos caminhos abertos pela Literatura Negra.

4 RESULTADOS DE PESQUISA

Várias pesquisas brasileiras apontam que o ambiente escolar está bastante poluído com uma diversidade de preconceitos e discriminações, entre eles os calcados no racismo. Gestos, brincadeiras e expressões variadas ilustram mutas manifestações racistas na maior parte das vezes toleradas por toda uma comunidade escolar.

Muitos desses preconceitos e discriminações são relacionados a características físicas, religião, maior ou menor desempenho na aprendizagem, comportamento, deficiências, homossexualidade e a questão racial. Em muitos casos, as pessoas afetadas preferem se isolar dos demais, atraindo pensamentos negativos e pensando em até tirar a própria vida. A omissão relacionada a esses aspectos acaba por afastar pessoas que sofrem esses tipos de

violação de direitos humanos. Entre os resultados da pesquisa foi possível identificar a dor de mulheres negras do município gaúcho de Alegrete que revelam a persistente existência de preconceitos, conforme categorias elencadas a seguir.

4.1 Relatos das Entrevistadas sobre “preconceito capilar em ambiente escolar”

No Brasil, para muitos o cabelo é um espelho que denota muito do padrão estético aceito, ou não. Muitas pessoas que não seguem o padrão dominante acabam sofrendo algum tipo de preconceito. No ambiente escolar, isso não seria diferente. Segundo informações obtidas através da pesquisa, essa temática não é rara e preocupa as mães, por exemplo. Uma das entrevistadas relata que

(...) Hoje meu filho tem seis anos e já me perguntou porquê o cabelo dele é diferente de alguns colegas de escola.

Ela descreve os questionamentos do seu filho de seis anos relacionados a percepção da diferença do seu cabelo e dos demais colegas. Angustitada a mãe fica se perguntando: será que o filho ouviu alguma brincadeira maldosa?

Outra entrevistada sofreu e descreveu o seu aprendizado.

(...) Não consigo ficar em um local com muitas pessoas me olhando. Eu já não usava cabelo solto na escola. Depois do acontecido isso piorou. Era só coque. Mas hoje consigo ver quanto tempo perdi em não ter assumido meus cachos. Eles são lindos. Hoje, para eles estarem atados só por um caso de saída com urgência.

Nessa linha, podemos observar que uma narrativa incluída na obra “**Quando me descobri negra**” de Bianca Santana descreve acontecimentos semelhantes, relacionados ao cabelo conforme segue:

Solto e acho bonito. Volto ao espelho e coloco uma faixa. Um pouco mais de tempo e recorro aos grampinhos. “Esse jeito de prender tem uma coisa de negritude, mas é mais preso”, falei na terapia. Na mesma semana, a Maternidade Santa Joana publica um texto RACISTA sob o título “Minha filha tem o cabelo muito crespo. A partir de qual idade posso alisá-lo?” Ah, as sincronicidades da vida... E como a cereja do bolo, nasci no Santa Joana. Passei anos ouvindo propostas de cabeleireiros para “arrumar” meu cabelo. Arrumar significa alisar ou, no mínimo, “relaxar as ondas”. Minha avó, vítima e algoz do mesmo racismo, prendia o cabelo beeeem puxado pra trás, “pra não parecer essas neguinhas”. Na ingenuidade de criança me perguntava se eu não era mesmo “essas neguinhas”. Obediente, não ousava questionar em voz alta. E de puxar e puxar o cabelo num rabo de cavalo, nunca tive coragem de soltar o crespo em público. Quando me descobri negra, nasceu o desejo de assumir meu cabelo como uma marca de identidade. Encontrei o Marco Antônio, cabeleireiro incrível, que cortou um black. Detestei! Então ele me ensinou a fazer uns rolinhos, prendendo o cabelo com grampos como se fosse uma tiara, até eu me acostumar com o volume. Nove anos depois ainda não me acostumei. Continuo fazendo os rolinhos diariamente. Diariamente não! Nesses anos, soltei umas três ou quatro vezes. Com o black liberado, sinto um calor insuportável, não me reconheço com o volume ao redor do rosto e

fico desesperada para prender o cabelo. Desesperada mesmo, não é força de expressão! Começo a suar, sentir taquicardia e uma vontade incontável de prender o cabelo. Aí prendo; sinto os músculos relaxarem e um conforto no peito. Grávida pela terceira vez, imaginava uma menina pretinha, com o cabelo bem crespinho pra eu soltar e enfeitar com flores coloridas. Mas a vida me presenteou com uma menina bem branquinha, de olho azul e uma careca de pelugem fininha... Os filhos não nascem mesmo pra dar conta dos desafios dos pais... Minha questão com o meu cabelo é obviamente minha. Mas também é de todos nós, brasileiras, que assumimos o liso e o loiro como padrão de beleza. Em 2011, esperava um vôo em Paris quando puxei papo com uma portuguesa. Ela ficou muito surpresa porque eu falava a língua dela. “É a minha língua também, sou brasileira”, anunciei. “Mas como? Com esses cabelos crespos? Toda brasileira tem cabelo liso!” Reparei no mar de mulheres que esperava os vôos pra São Paulo e pro Rio. A portuguesa tinha razão. (SANTANA, 2015, p. 21).

Mattos (2015, p. 49) tem uma fala que reflete com perfeição o empoderamento da entrevistada, *“o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo”*. A implementação da Lei Federal 10.639/2003, que inclui o ensino da “História e da Cultura Africana e Afro-brasileira” em escolas públicas e privadas do país, ajuda docentes/educadores a mudar um pouco esse sofrimento de discentes/educandos, utilizando conteúdos como Literatura Negra, com forma de relembrar memórias e construir identidades.

4.2 Relatos das Entrevistadas sobre “preconceito racial em ambiente escolar”

No Brasil as alunas e os alunos negros são mais de 67% dos matriculados em redes públicas e apenas 35% em escolas privadas, conforme dados do Ministério da Educação. Mesmo sendo a maioria em redes públicas e um número bem relevante, alunas e alunos negros sofrem preconceito dentro de sala de aula, de forma recorrente. Eles/as não são escolhidos para trabalhos em grupos, por exemplo, com descreve uma das entrevistadas.

(...) Na maioria do meu Ensino Fundamental eu era a única aluna negra em uma sala de aula com 20 a 25 alunos brancos. Era uma dificuldade arrumar grupos para fazer trabalhos que as professoras sugeriram.

Indiferente do nível escolar é de extrema importância mostrar que o Brasil é formado por diversas misturas entre humanos de diversas etnias. **“Quando me descobri negra”** de Bianca Santana traz um trecho que diz: *“Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, para os coleguinhas”* (SANTANA, 2015, p.13), revelando a complexidade das relações étnico-raciais que ainda perturbam os ambientes escolares no país.

4.3 Relatos das Entrevistadas sobre “preconceito de classe social em ambiente escolar”

Bianca Santana, no livro “**Quando me descobri negra**” nos apresenta uma narrativa que nos faz refletir sobre o preconceito de classe social relacionado ao ambiente escolar, conforme segue:

Ela estava entusiasmada. Começara o curso de auxiliar de enfermagem e tinha gostado muito do primeiro dia de aula. Luzia saiu da escola e comemorou quando o ônibus chegou rápido. Antes de chegar ao trabalho, podia passar no sebo para tentar comprar um dos livros recomendados pela professora. O trânsito estava pesado e dali a pouco as crianças chegariam da escola. Luzia era babá e não podia atrasar um minuto para receber as crianças do ônibus escolar. Não foi daquela vez, mas uma hora daria certo. Quase uma semana de tentativas e o intervalo entre passar na catraca do ônibus de linha e a chegada do ônibus escolar nunca era grande o 48 49 bastante para uma parada no sebo. Sábado ela trabalhava. Domingo a loja não abria. E assim passavam as semanas. As cópias do livro da professora iam quebrando o galho. Mas ela tinha economizado tanto antes de começar o curso que pelo menos o livro mais recomendado ela queria ter. Um livro dela. Comprado com o dinheiro dela. Recomendado no curso que ela sonhara tanto fazer. Quase um mês depois, o tempo foi generoso. Ela entrou no sebo. E antes mesmo de perguntar para o senhor que estava atrás no balcão sobre o livro que procurava, foi absorvida pelas estantes. Eram tantos os livros. Os de saúde e medicina, organizados em três prateleiras, pareciam muito interessantes. Será que um dia conseguiria ler tudo aquilo? Pelo menos parte? Luzia lembrou do relógio, já pensando estar atrasada. Que feliz surpresa perceber que tinha tempo para folhear alguns exemplares! O olhar parou em um tratado de fisiologia. E mais rápida que suas mãos foi a voz do senhor que saía de trás do balcão: – O que você está fazendo? Não viu que esses livros não são pra você? Sai daqui! Não tem nada aqui pra você. Sai. Sai. (SANTANA, 2015, p.47).

Recorrentemente, o preconceito relacionado as condições financeiras de alunos e alunas encontra maior incidência quando relacionados as questões raciais. Uma das entrevistadas da pesquisa relata:

(...)Durante o período da manhã muitos dos alunos usavam a merenda como uma das principais refeições do dia, certo dia era batida de banana, muitos tentavam repetir e como as meninas da cozinha sabiam a condições de muitos deixavam repetir. Uma menina pediu para repetir e um dos colegas percebeu, e falou algo parecido com macaca faminta para ela. Levei ela até a direção e contei o acontecido para eles, os pais do menino e a mãe falou que a diferença da realidade dos dois não era bem semelhante, mas que para os colegas ele queria manter uma posição de descolado. Eu tentava repreender sempre que presenciava algo semelhante e fazia pedir desculpa.

Esses e outros casos, naturalizados nas escolas, acontecem porque alunos e alunas acreditam que precisam ser mais “populares” para serem aceitos e aceitas. Pensam que fazendo piadas, deboches com os outros ganham destaque, mesmo que muitas vezes estejam mesma classe social dos constrangidos. Enfim, o preconceito e a discriminação nunca são bons, principalmente quando se somam a ideologia do racismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para não concluir, acredito que o objetivo deste trabalho foi alcançado. Nele, busquei trazer a importância do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo para se entender a Literatura de autoria de mulheres negras, que muito revela sobre as vivências relacionadas aos preconceitos em ambiente escolar comprometidos com o racismo.

Com esses relatos, de mulheres negras que tem um dos tons de voz mais altos em uma sociedade que se revela racista, pode-se profetizar que professores e professoras futuramente podem moldar pensamentos mais corretos. Como nos diz Paulo Freire “*o educador se eterniza em cada ser que ele educa*”. Ressalto que as entrevistadas são mulheres negras do meu convívio e que aqui estão por questão afetivas. São mulheres negras que se disponibilizaram a compartilhar suas experiências, suas vivências para fazer parte de uma escrita em diálogo com o conceito de Conceição Evaristo.

Reforço também que, em nenhum momento da minha vida tive vergonha de ser uma mulher negra de tom de pele preta. Eu sempre tive orgulho de ter avós descendentes de escravizados e escravizadas. De ter um pai negro, que lutou bravamente para ajudar a criar seus irmãos. Sempre falei em alto e bom som que iria me dedicar e iniciar uma Licenciatura em Letras para ajudar meus alunos e minhas alunas, para que não sejam preconceituosos e apoiar aqueles alunos e aquelas alunas que sofrem discriminações, como eu sofri.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 31, 2008, p.11-23.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/dadosatualizados3.pdf> 2009. Acesso em: 14 jan. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY> Acesso em: 01 dez. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Roda Viva**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk> Acesso em: 10 dez. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. **Pontos de Interrogação**, Salvador, v.5, n.2, p. 37-53, jul-dez, 2015. Disponível em: www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/2164/149 Acesso em: 14 jan. 2022.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP editora, 2015. 96 p.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

1ª Entrevistada

A. S, uma mulher negra de 29 anos, estudou a maior parte de sua adolescência na escola atualmente chamada de Instituto Estadual de Educação Oswaldo Aranha na cidade de Alegrete.

1º. Já sofreu algum tipo de racismo no ambiente escolar?

Resposta: Sim, diversas vezes Gra. Na maioria do meu ensino fundamental eu era a única aluna negra em uma sala de aula com 20 a 25 alunos brancos. Era uma dificuldade arrumar grupos para fazer trabalhos que as professoras sugeriram.

Outro acontecimento que me entristecia era as comparações na aula história sobre escravidão.

2º. Marcou a sua vida?

Resposta: Já não digo marcar, mas sim de pensar. Hoje meu filho tem seis anos e já me perguntou o porquê o cabelo dele é diferente de alguns colegas de escola.

2ª Entrevistada

P. L, uma jovem negra de 26 anos, estudou do jardim da infância até o último ano do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Tancredo de Almeida Neves, na cidade Alegrete.

1º. Já sofreu algum tipo de racismo no ambiente escolar?

Resposta: Sim, eu era a única menina negra da turma, daí você já tem noção. Então sempre teve aquele caso de brincadeira, falavam coisas que no fundo magoavam. Tinha uma menina que não falava muito comigo, era só básico até tentar me aproximar para descobrir o porquê daquela situação, estava no início da adolescência, lembro bem.

Um dia fiquei na frente da escola esperando a saída dos maiores, aqueles que esperavam os irmãos começaram a brincar de pega-pega e naquela correria, sem querer eu puxei o colar que ela estava usando. Ela se alterou comigo e começou a gritar: PORQUE VOCÊ PUXOU MEU COLAR SUA NEGRINHA. E continuou falando que eu era estabonada e que não gostava da minha cara desde sempre, fiquei sem reação pois era tudo muito novo. No dia seguinte ela cumpriu as ameaças que tinha feito, apareceu com a irmã mais velha e seguiu me ameaçando

que era uma joia de família e eu deveria pagar. Mas resumindo a história descobrimos que a jóia da família era apenas uma bijuteria da loja de 1,99 da cidade.

2º.Marcou a sua vida?

Resposta: Sim, marcou. Porque não consigo ficar em um local com muitas pessoas me olhando. E já não usava cabelo solto na escola depois do acontecido piorou era só coque. Mas hoje consigo ver quanto tempo perdi em não ter assumido meus cachos, eles são lindos e hoje para ele estarem atados só por um caso de saída com urgência.

3ª Entrevistada

M.R, uma idosa de 63 anos, trabalhou anos em casa de família cuidando de crianças e fazendo tarefas domésticas por uns trocados. Até que Marina conseguiu passar em um concurso do estado do Rio Grande do Sul, foram anos executando o trabalho de limpeza em geral nas instituições de ensino.

1º.Já sofreu algum tipo de racismo no ambiente escolar?

Resposta: Como trabalhei anos ou melhor falando décadas em escola pública, já sofri, já presenciei alguns casos. Mas o que mais me deixava triste era ver aquelas meninas deslocadas dos outros, muitas brincando e cantando.

Durante o período da manhã muitos dos alunos usavam a merenda como uma das principais refeições do dia, certo dia era batida de banana, muitos tentavam repetir e como as meninas da cozinha sabiam a condições de muitos deixavam repetir. Uma menina pediu para repetir e um dos colegas percebeu, e falou algo parecido com macaca faminta para ela. Levei ela até a direção e contei o acontecido para eles, os pais do menino e a mãe falou que a diferença da realidade dos dois não era bem semelhante, mas que para os colegas ele queria manter uma posição de descolado.

Eu tentava repreender sempre que presenciava algo semelhante e fazia pedir desculpa.

2º.Marcou a sua vida

Resposta: Marcou, esse é outro que passei na mão de pessoas estranhas na infância, pois éramos emprestados muitas vezes para ajudar famílias com mais condições financeiras com garantia de uma ajuda financeira aos meus familiares. Mas sabe que isso me fortaleceu e muito, ensinei meus filhos o quanto eles são importantes na sociedade e que eles têm e

devem usar a voz. Aquela questão é que todos temos os mesmos deveres e porque não os mesmos direito, não é mesmo?

4ª Entrevistada

M.A, uma estudante do curso Letras, vem a frente de diversos projetos dedicados a mulheres negras. Estudou seu ensino fundamental na zona rural de Alegrete, para fazer o ensino médio retornou para a cidade, mas por diversos motivos não conseguiu parar, concluiu anos depois acabou indo terminar no EJA. “Me conheci como mulher negra e pertencente a este mundo. E foi com essa descoberta que me tornei uma mulher forte”, conta M.A.

1º. Já sofreu algum tipo de racismo no ambiente escolar?

Resposta: Antigamente racismo e bullying não eram temas comentados. Sofri sim, no ensino fundamental. Na maioria por causa do cabelo e também pelo formato do meu nariz. Isso se reflete até hoje, pois são duas coisas que eu não gosto em mim, e procuro sempre mudar (no caso do cabelo). Normalmente eram piadinhas, apelidos, feitos pelos colegas de escola. As professoras até intervenham de vez em quando, mas era uma advertência e deu.

2º. Marcou a sua vida

Resposta: Sobre a cor da pele inúmeros casos, mas que não marcaram tanto. Leonel, que eu saiba, não foi vítima disso, se foi, não me contou. Mas me pego pensando como será essa fase da vida dele.